

*CADERNOS RAMÓN PIÑEIRO*  
(XL)

Estudos arredor de  
Ricardo Carvalho Calero



XUNTA DE GALICIA

**CADERNOS RAMÓN PIÑEIRO**  
**(XL)**

**Estudos arredor de**  
**Ricardo Carvalho Calero**

**Coordinadores**  
Anxo Tarrío  
Armando Requeixo

CADERNOS RAMÓN PIÑEIRO  
(Cadernos galegos de pensamento e cultura)

**Director:**

Armando Requeixo

**Consello asesor:**

Luís Alonso Girgado  
Xosé Luís Cochón Touriño  
Xesús Ferro Ruibal  
Anxo González Fernández  
Ramón López Vázquez  
Segundo Pérez López  
Manuel Quintáns Suárez  
Anxo Tarrío Varela  
Andrés Torres Queiruga

**Edita:**

Xunta de Galicia  
Consellería de Cultura, Educación e Universidade  
Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades

**Secretario Xeral de Política Lingüística:**

Valentín García Gómez

**Coordinador científico:**

Manuel González González

**Directora Técnica de Literatura:**

Mercedes Brea López

© Dos textos: As autoras e os autores

© Da cuberta: Xurxo Alonso

© Da corrección editorial e revisión lingüística: Laura Caamaño Pérez

**Maquetación e impresión:**

Grafisant, S.L.

**ISBN:** 978-84-453-5348-6

**Depósito legal:** C 1079-2020

# Índice

<b>LIMIAR</b> .....	7
<b>O AUTOR E O SEU TEMPO</b> .....	11
<i>AS ORIXES</i>	
GERMÁN CASTRO TOMÉ: A ferrolanía de Ricardo Carvalho Calero. ....	13
<i>A PREGUERRA</i>	
JUSTO BERAMENDI: A experiencia nacionalista de Carballo Calero (1926-1936).....	29
<i>A GUERRA</i>	
CLAUDIO RODRÍGUEZ FER: Correspondencia inédita con Ricardo Carvalho Calero sobre <i>Scórpio</i> e a Guerra Civil española.....	45
<i>A POSGUERRA</i>	
MARÍA DOLORES VILLANUEVA GESTEIRA: Ricardo Carballo Calero: en primeira liña do movemento galaxiano. Ensaísta, editor e escritor da Editorial Galaxia entre 1950 e 1963 .....	61
<i>OS ÚLTIMOS ANOS</i>	
BERNARDO PENABADE: A escola de Ricardo Carvalho, referente do Modelo Burela.....	75
<b>PANORÁMICAS</b> .....	89
<i>O INTELLECTUAL</i>	
MARÍA PILAR GARCÍA NEGRO: Ricardo Carvalho Calero, construtor da lingua e da literatura galegas .....	91
<i>O ACADÉMICO</i>	
VÍCTOR F. FREIXANES: Ricardo Carballo Calero na Academia.....	103
<i>O LINGÜISTA</i>	
MANUEL GONZÁLEZ GONZÁLEZ: A <i>Gramática elemental del gallego común</i> e a creación da cátedra de galego na USC, dúas referencias na historia do galego do século XX.....	117
<i>O NARRADOR</i>	
MARIO REGUEIRA: O gume dos ciclos. Unha visión da narrativa de Carvalho Calero .....	137

<i>O POETA</i>	
MIRO VILLAR: Un achegamento á poesía galega de Ricardo Carvalho Calero .....	155
<i>O DRAMATURGO</i>	
HENRIQUE RABUÑAL: Carvalho Calero: autor e cronista do teatro galego.....	173
<i>O AUTOR INFANTOXUVENIL</i>	
CARMEN FERREIRA BOO: Ricardo Carvalho Calero e a Literatura Infantil e Xuvenil.....	201
<i>O TRADUTOR</i>	
XOSÉ MANUEL DASILVA: Balance de Ricardo Carballo Calero como tradutor.....	213
<i>O ESTUDOSO DA LITERATURA GALEGA DE TRADICIÓN ORAL</i>	
JOSÉ LUÍS FORNEIRO: A presenza dos géneros narrativos de tradición oral na literatura galega do “Renacemento” segundo Ricardo Carvalho Calero .....	231
<b>ESCRITAS</b> .....	243
LUÍS ALONSO GIRGADO e ÁNXELA LEMA PARÍS: O epistolario Ricardo Carballo Calero-Francisco Fernández del Riego.....	245
RAFAEL CHACÓN: Unha carta de Carballo Calero a Gonzalo Fernández Puentes sobre o Colexio Fingoi.....	267
HENRIQUE DACOSTA: Un Carvalho baixo o fado do escorpión .....	283
CARLOS QUIROGA: <i>Scórpio</i> , um romance fundacional .....	295
BLANCA-ANA ROIG RECHOU: <i>Breviario Antolóxico de la Literatura Gallega Contemporánea</i> , R. Carballo Calero .....	311
ANXO TARRÍO VARELA: Memorias dun neno urbano galego. <i>In memoriam Ricardo Carvalho Calero</i> .....	319

## ***Scórpio*, um romance fundacional**

CARLOS QUIROGA  
(USC)

Talvez se possa qualificar *Scórpio*, como construção artística que vai consolidando várias singularidades, de romance fundacional. Antes de apontar para, pelo menos, quatro vertentes básicas que tentem justificar o sustento e até alicerce quadrangular para tal afirmação, em termos mais racionais do que metafóricos ou geométricos, vamos realizar uma rápida contextualização. Deitaremos mão inclusive de sínteses que já efetivamos muito anteriormente, a propósito de autor e obra(s), para acrescentar sobre elas algumas modulações. Começemos por advertir que será porventura a narrativa de Carvalho Calero aquela parte que achamos mais acessível da produção criativa do autor, no conjunto da dilatada obra do maior polígrafo que viu o século XX galego. Desde logo mais pacificamente abordável que o rio incessante do persistente poeta vocacional que sempre foi, emanando em duas línguas e cobrindo toda a vida. E consumível preferente em termos de público e até de exegese breve, mesmo antes que as peças de textos para teatro, cuja representação cénica seria requerida para alcançar plenitude artística. No entanto, não seria difícil admitir que as arrumações genéricas, como convenções funcionais a efeitos de comodismo analítico, no caso e mais que nunca estorvam, pois não deixa de haver entre umas e outras variedades contaminações e fluências cujo conhecimento retroiluminaria, a partir do todo, tanto aquele como qualquer interesse por um outro recorte. Algo que aqui não se fará, até porque as possibilidades de relacionamento atingem inclusive a crítica literária, o ensaio, e naturalmente todas as modalidades em que formulou pensamento e argumentação de teor linguístico, ainda que só seja pela efetivação prática que de pressupostos teóricos se dessem.

Como se vai intuindo, estas demarcações só pretendem dar relevo à complexidade do conjunto e anunciar os afunilamentos elementares. Também escusam não só falibilidades como a falta de abrangência ideal. Em coerência com o espaço disponível, vamos comportar-nos à prosa literária e particularmente resignar-nos a *Scórpio*, na assepsia de mínimas conexões e evitando voos e até ligações de maiores, tão fundadas como a que cabe entre este romance e, por exemplo, a peça dramática *Os xefes* (1982), por não falar em poemas. Quanto à destrinça de ligações internas, dentro da

narrativa carvalhiana, desculpe-se a licença de remeter para conclusões já propostas trinta anos atrás, nas que um primeiro estudo de conjunto achava merecimentos vários nos seus títulos, invocando diferenciados fatores, “mas sobretudo a particularidade de AMO [*Aos amores seródios*], essa pintura cubista dentro do conjunto narrativo comentado” (Quiroga, 1992: 608). Também *Scórpio* tinha distinção por ser este o único romance propriamente dito, decorrer na etapa histórica correspondente, apresentar analogias biográficas com o autor, e especialmente ter uma estrutura e um ponto de vista que qualificamos de “eu regente de acção verbal narradora”, o qual representava certa novidade. Foi esta última característica que colocamos em maior destaque, dando uma volta de parafuso à apreciação de “narrador polifónico” em precedentes resenhas, quando estava de fresco a edição do livro (Quiroga, 1987 e 1988). De tal inovação era consciente o próprio Carvalho quando estava a escrever o romance, pois afirmava que se “Una [*sic*] novela polifónica é frecuente na narrativa moderna; Faulkner, por exemplo, ten feito novelas deste tipo” —ele desconhecia, no entanto, “un caso en que o próprio protagonista sexa o condenado a non aparecer directamente en cena” (Fernán-Vello e Pillado Mayor, 1986: 253). Ficando em aberto que pudesse haver precedente, a proposta merecia e merece realce, especialmente porque resultou um recurso competente a efeitos narrativos.

Reiteramos, portanto, esses precoces olhares críticos, mas gostaríamos agora de pôr em valor aspetos na altura menos atendidos e que só a passagem do tempo permite aquilatar. Faltando espaço objetivo para dedicar-se com mimo a outras qualidades, estas eram colocadas de lado, e se é certo que o motivo manifesto era não achar nelas tanta centralidade (pois o recurso já apontado continua a ser importante para fazer do livro um artefacto artístico eficiente e renovador da paisagem romanesca), também o é que tal exclusão ficava longe do desafeto. O professor Carvalho Calero estava vivo e perguntamo-nos agora que teria pensado sobre aquela primeira cata realizada por um rapaz, que devia simpatizar com a sua obra e ideário, mas que tinha o atrevimento de levar para título da resenha, publicada na única revista galega de resistência em que podíamos coincidir —e de que ele era santo padroeiro— a qualificação de “história rosa e narrador polifónico”, em coerência com a natureza da abordagem. A orientação que delata o título desse texto de 1987 em *Agália* é a mesma do que sairia a seguir na *Colóquio/Letras* de Lisboa, com ênfase na montagem narrativa, e quero crer que longe de apresentarem

hostilidade mostram uma imparcial e honesta avaliação como a que todo livro merece. Confiamos que o grande Carvalho, nunca à espera de graxa, tivesse apurado até ao final qualquer dos textos para entender até aquele cabeçalho aparentemente agreste. Ele próprio tinha facilitado desde dentro da narrativa uma apologia do carácter de “novela rosa” (Carvalho Calero, 1987: 126) colocada na boca/pena de Salgueiro, o *satélite troiano* que o autor lançou para na galeria de espelhos orbitar e justificar em seu nome o campo gravitacional construído em volta do planeta Scórpio, quer dizer Rafael. E esta apreciação, que achamos justa particularmente para a primeira parte do relato, é ainda explicada com todo o cuidado na funcionalidade intencional que comporta: a justificativa narratológica adverte que a visão das vidas e dos heróis aqui representados é a da classe média, que se estende aos outros estamentos, um esquema mental rosa, ainda que a vida real de todos não o seja. Essa consciência transforma-se em recurso ao consagrar o romance ao “véu que envolve”, à “palavra que suaviza”, com renúncia ao conhecimento do que está no fundo do coração do protagonista e reafirmando a estratégia da sua captura dissolvida em múltiplos reflexos estilisticamente uniformados. O que significa dar preeminência à própria fabricação, ao *como* mais que ao *quê*, à montagem puramente narrativa. E essa era também a principal escolha meritória na leitura crítica.

Outra faceta aludida de passagem e deixada de lado naquelas rápidas visitas é a do autobiografismo. Apontávamos que “nas reflexons narrativas da voz Salgueiro, assimiláveis às do autor deste romance, nas notas da capa onde se manifestam semelhanças de percurso entre Rafael e o autor, é fácil ver algum tipo de autobiografismo, talvez excessivamente fácil” (Quiroga, 1987: 487). Quem achou aí desconsiderada a possibilidade de tal aproveitamento devia ter acabado o parágrafo, onde se alude a que a “chave autobiográfica só parece ter sentido na fechadura que o autor sinala desde as palavras finais de Salgueiro: Rafael é o herói que ‘todos quigéramos ser’” (Carvalho Calero, 1987: 377), o qual confirmaria “certo matiz de fabulação ideal tamém do passado pessoal, de desinibida vontade de sonhá-lo assi, de usá-lo narrativamente assi”, sendo Rafael e Salgueiro “pretexto e criação narrativa dentro do romance”. O seu exame isento e a salvo de expectativas prévias, até se desmarcando de valorizações que nada tivessem a ver com o objeto literário –pois se fundava apenas na lição da leitura, estando aprisionada esta entre apertados muros para se exprimir–, obrigavam a tal assepsia. Se ela

não renegava de uma exploração estrita do assunto, como de facto houve pouco depois em competente detalhe (Rodríguez Fer, 1991 e 1992), e até nalguns casos com achados de implicação e/ou justificação narratológica complexa neste ingrediente (Martínez Pereiro, 1991), hoje ainda se vê de maior interesse. Simplesmente porque Carvalho ganhou o estatuto de mito e nestes casos, se das obras de criação se podem tirar corolários do acontecer terreno e pessoal do autor mitificado, mais do que interferências, as conexões passam a ser procuradas num reforço de indagação bidirecional e positivo.

Feitas essas sintéticas remissões, e para além das perspetivas que aí se abordavam em destaque, vamos destinar o resto destas notas a apontar para um outro elemento na altura secundarizado, mas que o prisma de três décadas andadas permite notabilizar, juntando-se às revalidadas virtudes anteriores. Referimo-nos à relevância que vai ganhando o tempo histórico ou História sobre a que corre a história (rosa) de *Scórpio*, em cruzamento com aquela informação biográfica sobre o Carvalho Calero que experimentou em carne viva o mesmo traumatismo bélico. O assunto já foi de central interesse para Alonso Montero no ano 2000, como logo veremos, e é também neste campo onde se coloca agora o primeiro sentido de “fundacional” anunciado para o romance no título. E será numa aceção que já foi literalmente invocada por John Patrick Thompson, quem por sua vez fora buscar noutra obra:

En galego non se escribciu sobre a guerra até 1957 cando se publica *Non agardei por ninguén* de Ramón de Valenzuela no estranxeiro. Falábamos do silencio por parte dos escritores galegos que é tan indicativo. Tamén eu me pergunto por que os autores que viveron a guerra (Valenzuela, Del Riego, Silvio Santiago, Fernández Pérez, Alonso Rios e Carvalho Calero) a contaron no molde de ficción, na novela en vez de nun testemunho. Por medo a censura? Non creio porque estas novelas non se publicaron en Galiza até a democracia. Mais bem, eu penso que estes autores eran conscientes de que a súa nación e lingua estaban en grave perigo e consciente ou inconscientemente sentían a forza fundacional da novela, e por iso eu interpreto estas novelas como ficcións fundacionais (que é o propio nome do título do libro de Doris Somner) (2005b: 57).

O significado aludido (Sommer, 1991), que Thompson reutiliza, pretendemos ainda alargar aqui para outras variantes. Mas por enquanto

fiqamos com esse sentido de “fundacional” para *Scórpio*, que aproxima a pretensão autoral que lhe está por trás com a que no seu momento teria motivado *A xente da Barreira*. É um fator que também invocamos antes como elemento extratextual de interesse –depois da Guerra Civil, tendo uma tradição consolidada de poesia lírica, no bando que com Carvalho Calero tratava de reconstruir a cultura galega surgiria a consciéncia de faltar narrativa em termos de produçáo literária (Quiroga, 1992: 606). Um entendimento exprimido e assumido por D. Ricardo, pois a partir dessa opiniáo “abriuse paso a ideia de que o que conviña agora era ter prosa, e desta convicci3n saúu *A xente da Barreira*” (Blanco, 1989: 248). Foi esta a primeira novela galega do pós-guerra, que também recebeu um prêmio na altura significativo, tendo em conta a debilidade das estruturas do galeguismo. *Scórpio* aproxima-se destas singularidades no seu próprio tempo e percurso, quando faltava narrativa em norma reintegrada e tal posicionamento carecia de distiúção importante. O Prémio Nacional (estatal) de Literatura no ano a seguir da sua publicaçáo teve um efeito canonizador que nunca antes se tinha produzido.

Por certo que alguns outros contrastes de interesse entre os dois títulos a que acabamos de referir-nos, importantes para um conhecimento proficiente de ambos e muito em particular do segundo, está presente na leitura pormenorizada que dele nos brindou Dario Villanueva, para a qual remetemos à falta de espaço para o detalhe conteudístico (Villanueva, 2000). Avançamos assim para a visáo macro do tempo histórico ou História sobre a que, como dizíamos, corre essa história (rosa) de *Scórpio*. Ainda nestes dias, o escritor e editor Francisco Castro, que acaba de publicar um romance cuja peripécia decorre no período da II República, manifestava em entrevista não concordar em que houvesse demasiada literatura galega sobre a Guerra Civil, “contra algunhas opini3ns críticas, que se fixeron singularmente audíbeis algo máis dunha década”, antes ao contrário, “creo que se escribiron poucas [novelas]!”, relacionando a necessidade com a atual atmosfera de fascismo que retorna ao nosso tempo (Salgado, 2020: 24). O romance de Carvalho Calero, não sendo o primeiro em galego que se escreve sobre a Guerra Civil, como já se apontou, é dos primeiros em antecipar-se, dos poucos a se escrever desde e vivéncia autoral, e único em dar conta da contenda em frentes militares de centralidade hispana desde um olhar galego. Thompson, o americano de coraçáo galaico já mencionado, que também dedicou a sua tese de doutoramento na Universidade de Michigan à ficçáo narrativa em

galego –precisamente àquela que trata da Guerra Civil–, tem observado não só a falta de fontes sobre o tema no caso específico do acontecido neste canto atlântico, mais flagrante no contexto de abundância bibliográfica espanhola e estrangeira, como o esquecimento do papel democrático jogado pela Galiza ao nível estatal durante a Segunda República, que segundo ele explicaria bastante o mapa político presente:

There also exists an amnesia vis-à-vis Galiza's democratic political role on the Spanish national level during the Second Republic (a role that this community has drastically lost in the present) with two strong leftist parties (Izquierda Republicana and Partido Galeguista), and prominent figures such as Casares Quiroga (the most prominent representative of IR), Castelao (of PG), or centrist figures like Portela Valladares. Furthermore, of the three peripheral historical nations, Galiza is today the only one with the double anomaly of, on the one hand, not having a center-right nationalist party, and, on the other hand, never having had a nationalist formation in power (Thompson, 2005a: 80).

John Thompson afirma que o domínio artístico constituiu o baluarte da memória da Guerra Civil, levantado pela desobediência sistemática ao Pacto do Esquecimento, que artistas, produtores de filmes e romancistas promoveram. Neste contexto se colocaria a escrita de romances sobre a Guerra Civil, ao se perceber que por um lado a passagem do tempo está a abrir um vazio e por outro as testemunhas desaparecem, ficando as jovens gerações alarmantemente ignorantes. Daí a importância desta literatura para esclarecer a recente história de fascismo no estado espanhol:

But reading is the essential key for learning about the democratic successes of the Republic and the horrors of Francoism; and novels allow the reader to experience the past vicariously and enter into the realm of emotions, seemingly absent in the historical text. The Civil War novels act, one could argue, as time machines for traveling to a historical period, which the powers that be have tried to sweep under the rug. Perhaps the recent uncovering of the graves will incite larger proportions of the population to read, especially the younger generations (Thompson, 2005a: 81).

Estas máquinas do tempo que seriam os romances da Guerra Civil, permitindo viajar para esse traumático período histórico, fariam também de

transmissores de uma memória essencial, oferecendo estruturas conceituais orientadas para a práxis que ajudaria Espanha a transformar o seu futuro. A dureza e contusão deixada pelo vivido, que também teria a ver com a demora na exumação dessa memória em forma de romance por parte de Carvalho, apresenta no seu caso o percurso que vai da “irrupção devastadora do social (antes surdina política e muito cedo fragor militar) que some os indivíduos, e afoga case todo o pessoal, num azaroso devir impessoal colectivo” (Garcia Soto, 2000: 201), para a brutalidade do confronto com diversidade de atitudes humanas entre os milicianos ao afrontá-lo. E o pano de fundo de *Scórpio*, pouco significativo desde outras perspetivas, cobra a esta luz de documento histórico uma nova importância, dentro da enorme variedade de representações romanescas do golpe, conflito bélico e barbárie que se seguiu, e dentro das produções estritamente galegas mais tardias, cuja leitura e implicação se pode levar daquele passado conturbado para um presente desmontável por via desta nova compreensão que permite a literatura. Porque quando se retratam conquistas democráticas da República, explicam-se os efeitos do fascismo na Espanha moderna e atinge-se o presente:

In the case of the Galizan novels –which belong to the *nueva novela histórica* Family that has proliferated for over three decades throughout Spain and Latin America– they strive to debunk the official discourse, which claims that never has Galiza lived as peaceful and progressive a moment as now. Indeed, the Partido Popular in Galiza presents itself as having delivered this nation from its past hardships through modernization. For example, just before the last Community elections in November 2002, the government-controlled newspaper, *El Correo Gallego*, published two pro-PP articles on the *opinión* page. The title of the first one reads “Ningún tiempo fue mejor” and that of the other, written by president Manuel Fraga, reads “Desafíos na Galicia do novo milenio.” In this article Fraga praises his community for having overcome the primitiveness of its past history, as if the past were all one amalgam of backwardness (Thompson, 2005a:80).

No caso galego, desmontam o discurso oficial sobre uma Galiza que nunca teria vivido um momento pacífico e progressivo como o presente, e até deixam a ideia de ser possível reconstruir a nação da Galiza usando a República perdida como um conceito utópico, uma realidade pelo menos

aparentemente possível desde alguns destes romances. Deste modo, adquirem outro peso e responsabilidade que pode levantar o questionamento da sua simples catalogação temática, como o próprio Thompson noutra parte anotou:

Recoñezo a dificultade de clasificar este xénero (ou mais bem subxénero) de ficción. Na miña tese chamei estas novelas –as trinta e sete que teño censadas comezando con *Non agardei por ninguén* (1957) até a última de Xavier Alcalá (2004)– novelas sobre a guerra civil. Mais, claro, o primeiro problema é que en Galiza non houbo guerra civil e, segundo, nalgunhas a guerra ocupa um lugar principal e en outras é um elemento periférico. Por exemplo, as historias de *Scórpio* ou *O cego de Pumardedón*, dúas novelas escritas por galegos, sitúan-se, a maior parte do tempo, nas fronteiras de guerra en Madrid e en Valencia na primeira, e outras partes de Castela na segunda (Thompson, 2005b: 51).

No caso de Carvalho Calero e o seu romance, certamente está a guerra concreta das operacións militares, mas que estas aconteçam nas fronteiras castelhana ou valenciana non retira galeguidade, para além da lingua de escrita, pois tematicamente a repressão sobre o espectro da terra matricial em segundo plano acompanha as peripécias das personagens. E temos noticia de primeira mão de, entre outras, figuras absolutamente primordiais para a (re)construção identitária da Galiza, caso do deputado Castela, também acompanhando a contenda de fora dela e cruzando com o protagonista de *Scórpio* –por certo que a proposta daquele para levar este como assessor para Buenos Aires, em razão da sua formação jurídica, estaria encobrando a recebida pelo próprio Carvalho, “que polo seu extraordinario sentido do pudor non se menciona a si mesmo” (Rodríguez Fer, 1991: 17). Voltando, enfim, à importância do romance no censo de títulos que abordam a guerra, esta obra também é antecipativa do caudal que chegará nos anos noventa:

Até os anos noventa o subxénero da novela histórica en relación coa guerra civil ou xenocídio franquista non estaba no primeiro lugar que ocupa hoxe. Nos anos oitenta proliferaron as novelas alegóricas algunhas das que González Millán analisou en *Silencio, parodia e subversión*. Este crítico sostivo que as novelas *Xa vai o grifón no vento*, *O triángulo inscrito na circunferencia*, *A vida sulagada* e *Beiramar* enxendran unha etnosemiose através de

mundos non reais que axen como unha substitución do mundo real no que o galego segue estando nunha posición inferior con respecto ao castelán e unha sociedade tan pobremente artellada que só pode soñar cun mundo galego normalizado. Millán dixo ademais que estas novelas pertencen ao que el bautizou como “literatura nacional” e non “nacionalismo literario”.

Ao chegarmos aos anos noventa as novelas sobre a guerra civil e represión son certamente o xénero dominante no sistema literario galego. (...) Mais ao mesmo tempo como este é um fenómeno que está a ocorrer en todo o Estado, creio que se podería falar dunha especie de nacionalismo literario en todo o Estado Español (Thompson, 2005b: 57).

A vaga mais recente de romances sobre o tema, a que *Scórpio* se anticipa, está producida por uma outra geração que revisita a contenda documentalmente. E faltam testemunhos e reflexión no caso galego. Xesús Alonso Montero, como já avanzamos, tem sido um dos mais teimosos investigadores na relação da Guerra Civil espanhola com a Galiza, e num dos seus trabalhos sobre o assunto começa por dizer que “ningún dos protagonistas da Recuperación cultural galeguista dos anos Cincuenta nos deixou unhas memorias, *a fondo*, da súa relación íntima coa Guerra Civil” (Alonso Montero, 2000: 85). Invoca múltiples razões e circunstancias que justificam o interesse em ter este conhecimento, do ideológico ao humano, que tanto poderiam esclarecer o quadro sociológico e o evoluir cultural posterior, enfatizando a curiosidade por personalidades relevantes e preguntando-se,

cómo viviron a guerra certos homes: cómo viviron aquela guerra contra a España do Frente Popular, unha causa na que estaban e militaban, entre moitos outros, Castelao, Rafael Dieste, Ramón Suárez Picallo, Florencio Delgado Gurriarán, Lorenzo Varela, Otero Espasandín, Arturo Cuadrado, Rubia Barcia, Ramón de Valenzuela, Serafín Ferro, Borobó, Luís Tobío e Ricardo Carballo Calero. Pero deste, si, temos unhas páxinas de extrordinaria valía (Alonso Montero, 2000: 91).

O contributo a que se vai referir é, efetivamente, o romance que estamos comentando, que aborda mais por extenso a seguir:

Refírome á novela *Scórpio* publicada por Sotelo Blanco no ano 1987, “romance... histórico” sobre “numerosos nomes que

desempenharam um papel na nossa vida colectiva nos anos dez e vinte e trinta deste século” (reza o texto da capa). Insólito relato longo no que falan unha “sinfonia de muitas vozes”: Aurélia, Cleo, Sagitário, Manolo, Casado, Barreiro, Romero, Salgueiro... Á beira destes nomes de ficción, todos eles correspondentes a seres humanos que non dirixen a historia, hai dous, encabezando senllas páxinas, que son Francisco Franco Bahamonde e Francisco Largo Caballero. Estamos, pois, ante unha novela rechamantemente polifónica, multifónica (*ibidem*).

O recurso técnico inovador, que convoca a voz de tantas personagens em primeira pessoa, inclusive de figuras históricas, não o desiludem de pôr em destaque o tema da guerra entremeado de biografismo:

Nesta novela, da que o miolo, creo, é a Guerra Civil Española, hai alguns personaxes que, aquí e alí, coinciden coa personalidade e a biografía de Carballo Calero, o autor da novela, se ben ningún o representa na totalidade. Estamos ante unha obra de ficción, “moi” de ficción, na que, sen embargo, hai un fondo de realidade histórica (non só a da Guerra civil) e na que hai algún personaxe que protagoniza feitos que, fóra da ficción, é trasunto, na súa totalidade, do autor da novela (*ibidem*).

E afirma depois que a Guerra Civil, inspiradora de tantos romances inclusive em galego, “recibe, nestas páxinas de Carballo Calero, unha iluminación da que moitos relatos bélicos carecen” (Alonso Montero, 2000: 92). Na riqueza intelectual do ser humano Carvalho Calero estaria fundamentada a difícil tarefa de aproximar-se desde diversidade de óticas à complexidade dum acontecimento como a Guerra Civil, decisivo na vida do autor e na de milhares de compatriotas. Inclusive a representação da reflexão sobre o drama que falta entre quem foi na Galiza obrigado a aderir ao bando franquista, nunca oferecida por nenhum dos protagonistas. Neste caso, também *Scórpio* dá uma aportação valiosa, pois “só a formulou, nesse texto cheo de matices, Carballo Calero, un intelectual que, nos últimos anos da súa vida, decidiu contar unha experiencia tantas veces silenciada por outros” (Alonso Montero, 2000: 93). Fazê-lo num romance teria ainda vantagens, por ter um “estatuto (o da ficción) quizais máis rico, mais revelador có do ensaio ou do estudio histórico”, acrescenta. Carvalho, que na última etapa vital se declara incapaz de desenvolver atividade política útil para o seu país,

aduzindo a sua tendência especulativa e a falta de ambição nesse terreno (Salinas Portugal, 1991: 48), deixa na criação literária, no entanto, um contributo importante que possui informação e inferências políticas.

Para o professor Arturo Casas, *Scórpio* interessa de pontos de vista diversos e relacionáveis, entre eles o da lógica dos géneros discursivos e literários, o do envolvimento mútuo entre experiência e invenção, ou (auto) biografia e (auto)ficção, o da lógica da identidade, o da lógica patriarcal... Mas também, interessa em termos temáticos,

pela própria condição deste romance como texto fulcral da narrativa galega sobre dois planos temáticos de máxima relevância e apesar disso escassamente tratados na ficção. O primeiro é a derrota dos ideais galeguistas (não apenas nacionalistas) da geração que pôde mudar o curso da história nacional, a derrota de um processo de emancipação e dignificação da língua, da cultura, dos símbolos de um povo submetido, que conheceu eles como o das irmandades da Fala, o Seminário de Estudos Galegos, a fundação do Partido Galeguista ou a aprovação do Estatuto. O segundo é a própria guerra enquanto acontecimento histórico e enquanto impugnação dos ideais civis e igualitários ativados pela Segunda República, mas também como circunstância extrema que em sentido certamente trágico fanou infinidade de vidas, não só por irrupção da morte, da tortura, do exílio, mas também porque todo o sobrevivente passou a ser algo distinto do que até então tinha sido e acabou perdendo a sua condição de sujeito político (Casas, 2017: 277).

A vivência da guerra aparece recolhida com pormenor no que vai constituir (com os poemas de *Reticências...*) “o testamento literário de Carvalho”, estando aí “tudo o que o autor calou” na sua vida pública, tanto nos escritos como nas entrevistas,

Tudo ou pelo menos uma parte muito substantiva: a difícil coordenação entre os milicianos nos primeiros momentos, a dificuldade de se tornar militares aqueles que até então professaram o antimilitarismo, a vida nas trincheiras, as operações militares em diversa escala, os combates a morte, a fome, a sobrevivência no dia a dia, a perda constante de camaradas e amigos, os bombardeios da aviação inimiga, o medo, a análise da evolução da própria guerra

e das decisões governativas, a fronteira entre honra e desonra ou entre coragem e temeridade... também um julgamento expeditivo a um soldado bêbado por ter dado morte ao seu sargento, com a intervenção ulterior de Scórpio –já capitão– como advogado defensor (Casas, 2017: 278).

Casas, que também examina outras óticas com bom rendimento crítico (como as do *dobre*, que já abordara Elvira Souto, ou a sedução donjuanesca, ou aquilo que no biografismo Martínez Pereiro classificara de indagação irónica e reinvenção de um segmento de história pessoal, fixada a um passado fragmentário primordial), pondera também a importância do romance nos termos temáticos de memória bélica. Até ao ponto de que para ele “*Scórpio* talvez seja o texto literário galego que melhor e com mais detalhe expujo nunca aquela guerra, desde os seus vaticínios até o momento em que Azaña cruza a fronteira francesa” (Casas, 2017: 278).

Podemos tentar concluir que o romance *Scórpio* alcançou assim, decorridas pouco mais de três décadas da sua aparição, um estatuto canónico que o faz fundacional ao ter estabelecido alicerces de novidade que dizíamos quadrangulares –por ser a representação quaternária a mais sólida e de maior energia construtiva– e que reduzimos, portanto, a estas pelo menos quatro vertentes de mérito:

- a) a excelência como fabricação artística ou artefacto narrativo, particularmente devida à proposta de foco múltiplo na voz que até determina a montagem da peripécia;
- b) a excelência na recriação do tempo histórico ou História, pano de fundo para a diegese da história (rosa) do romance, cuja relevância vai ganhando maior interesse para a memória coletiva;
- c) a excelência como fonte de informação biográfica sobre um autor que atingiu aura popular e reconhecimento (quero crer) consensual;
- d) a excelência como obra em norma reintegrada, carente de *corpus* e falta de distinção importante antes do Prémio Nacional (estatal) de Literatura que recebeu *Scórpio*.

Acrescente-se ainda que a posterior instituição do prémio literário Carvalho Calero no Ferrol, com modalidade narrativa e liberdade explícita de norma ortográfica para os originais, em coerência com o pensamento

linguístico do *filho predileto* da cidade, foi durante bastantes anos o único a que podiam concorrer também relatos escritos na variante do galego postulada pelo autor de *Scórpio*. Que a convocatória tivesse uma modalidade de investigação linguístico-literária e essa de narrativa, e não por exemplo de poesia ou teatro, terá a ver com o sucesso do romance de Carvalho Calero. Deste modo favoreceu a publicação de outras obras narrativas com essa opção ortográfica num contexto de limitadíssimas possibilidades.

Talvez algum dos merecimentos apontados, e nomeadamente o último ponto, não tenha a anuência geral e até seja (ainda) irritante para o pensamento oficial. Neste sentido, gostaria de encerrar as presentes reflexões com um retorno à perspicácia do amigo americano John Patrick Thompson, que soube observar como Espanha ainda estava mergulhada no trauma do holocausto franquista e que a disfuncionalidade da sociedade e da política espanhola só tinham alguma possibilidade de recuperação através duma consciência histórica na maioria dos seus cidadãos. Seria imprescindível remexer na terra do fascismo, assegurava ele, e “esta terra encontramos-la tanto nas novelas que tratam este tema como nas fosas comuns nas que os pantasma agardan sair do esquecimento e humillación para receber o reconhecimento e agradecimento que lles habemos dar” (Thompson, 2005b: 57). Talvez o próprio John, quinze anos depois dessa afirmação, não tivesse palavras de grande otimismo à vista do que acontece no panorama estatal. Mas, a nível galego, estaria seguramente de acordo em que o fantasma de Carvalho Calero saindo do esquecimento e da humilhação, em que foi confinado pelo oficialismo nestas três décadas, é um bom indício de salubridade mental para caminhar juntos na recuperação da capacidade de decidir o destino da humanidade –a começar pelo desta parte dela, na Galiza.

### **Bibliografía**

Alonso Montero, Xesús (2000): “Carballo Calero e alguns dos seus camaradas na guerra civil: vida e literatura” em José Luís Rodríguez (ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, vol. 1. Santiago de Compostela: Parlamento de Galicia-Servicio de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, pp. 85-96.

Blanco, Carmen (1989): *Conversas con Carballo Calero*. Vigo: Galaxia.

- Carvalho Calero, Ricardo (1987): *Scórpio*. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco.
- Casas, Arturo (2017): “Agora que agoniza todo um mundo. Epílogo a *Scórpio*” em Ricardo Carvalho Calero, *Scórpio*. Santiago de Compostela: Através Editora, pp. 271-292.
- Fernán-Vello, Miguel Anxo e Francisco Pillado Mayor (1986): *Conversas en Compostela con Carballo Calero*. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco.
- García Soto, Luís (2000): “Scórpio e Tauro ou o goze e o sublime. Barthes e Kant com Carvalho” em José Luís Rodríguez (ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, vol. 1. Santiago de Compostela: Parlamento de Galicia-Servicio de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, pp. 183-212.
- Martínez Pereiro, Carlos-Paulo (1991): “*Scorpio* ou a moi intelixente caza-cruzada dun fantasma”, *Ricardo Carvalho Calero. A razón da esperanza*. Especial *A Nosa Cultura*, 13. Vigo: A Nosa Terra, março, pp. 71-76.
- Quiroga, Carlos (1987): “*Scórpio*. História rosa e narrador polifónico”, *Agália*, 12, inverno, pp. 485-490.
- (1988): “Ricardo Carvalho Calero, *Scórpio*”, *Colóquio/Letras*, 102. Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 137-139.
- (1992): “Acerca do conjunto narrativo de R. Carvalho Calero (parábola geométrica)” em Maria do Carmo Henríquez Salido (ed.), *Actas do III Congreso Internacional da Língua galego-portuguesa na Galiza. Em homenagem ao Professor Carvalho Calero*. A Corunha: Associação Galega da Língua, pp. 593-608.
- Rodríguez Fer, Claudio (1991): “O tenente Carballo”, *Ricardo Carvalho Calero. A razón da esperanza*. Especial *A Nosa Cultura*, 13. Vigo: A Nosa Terra, março, pp. 15-17.
- (1992): “Carballo Calero no estalido da guerra civil” em Maria do Carmo Henríquez Salido (ed.), *Actas do III Congreso Internacional da Língua galego-portuguesa na Galiza. Em homenagem ao Professor Carvalho Calero*. A Corunha: Associação Galega da Língua, pp. 619-625.
- Salgado, Daniel (2020): “A República como historia de amor”, *Nós Diario*, 12/02/2020, pp. 24-25.

- Salinas Portugal, Francisco (1991): *Voz e silencio (entrevista con R. Carvalho Calero)*. Vilaboa: Edicións do Cumio [conversas no inverno de 1989].
- Sommer, Doris (1991): *Foundational Fictions: The National Romances of Latin America*. Berkeley: University of California Press.
- Thompson, John Patrick (2005a): "The Civil War in Galiza, the Uncovering of the Common Graves, and Civil War Novels as Counter-Discourses of Imposed Oblivion", *Iberoamericana*, vol. 5, 18, pp. 75-82.
- \_\_\_\_\_ (2005b): "A Guerra Civil na ficción narrativa galega" em VV. AA., *Actas das III Xornadas de Historia e Cultura. A II República e a Guerra Civil na bisbarra da Barbanza*. Porto do Son: Concello de Porto do Son-Gráficas Garabal, pp. 49-59.
- Villanueva, Darío (2000): "Lectura de *Scórpio*" em José Luís Rodríguez (ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, vol. 1. Santiago de Compostela: Parlamento de Galicia-Servicio de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, pp. 327-334.

*Estudos arredor de Ricardo Carvalho Calero*  
acabouse de imprimir en Santiago de Compostela  
no mes de setembro de 2020, noventa anos despois de que  
Ricardo Carvalho Calero pronunciase, como alumno,  
o discurso inaugural do curso da Universidade de Santiago